

NA ALDEIA COMUNAL DE CHIMBALAMBALA

18/3/79

Estivemos há dias, nas ricas e arenosas terras do Norte do Niassa Distrito de Sanga, na aldeia comunal de Chimbambala, Zona Libertada. Chimbambala, em língua ajaú, significa careca. O nome provém de uma serra dali das cercanias, que tem a parte frontal «calva» pois tem arbustos e capim por todo o lado, mas na parte da frente, estes elementos são escassos.

A aldeia comunal de Chimbambala, é constituída por uma população que resistiu à brutalidade dos colonialistas, lá no cimo de uma serra denominada N'gesse. Ela viveu longos anos na planície, onde tinha as suas aldeias, mas por causa dos bombardeamentos do exército colonial português, teve de fugir para os locais mais recônditos do matagal. Mais tarde foi descoberta, fixando-se por fim no topo da Serra N'gesse até ao final da luta.

Também lá na Serra N'gesse, os resultados dos bombardeamentos do inimigo, se faziam sentir com força.

«A nossa preocupação» — diz Mário N'dada N'chote, membro da célula do Partido — «era prosseguir com a Guerra, até o inimigo se render. A FRELIMO, havia organizado a população para a construção de abrigos para nos escondermos do inimigo e porque conhecia os objectivos pelos quais lutávamos, a população, também estava preparada a levar a luta até alcançarmos o objectivo central, a independência do País.»

Quando a Guerra cresceu e os bombardeamentos tornaram-se intensos alguns vacilaram e recuaram, juntando-se ao exército colonial português, outros fugiram para os Países limítrofes. Entretanto, a maioria ficou sacrificando-se duma forma desinteressada, na luta pela Independência do País. Quando a consciência e a coragem cresceram, outros aliaram-se à Frelimo, participando directamente na luta armada, outros foram treinados para de-

fenderem a população criando uma retaguarda segura para os combatentes da liberdade.

«Quando alcançámos a nossa Independência e o Povo inteiro de Moçambique ascendeu ao poder, responsáveis da FRELIMO, vieram-nos explicar que devíamos sair da serra e descermos à planície, porque na serra, não podem chegar, os carros, nem os tractores que virão apoiar os trabalhos de construção das nossas casas» — relata N'chote.

Quando todos desceram da serra, juntos se entregaram com força à construção organizada de casas com o apoio do Governo em transporte para o carregamento de material, nomeadamente de estacas e capim. Com o apoio do Parque de Máquinas da Agricultura, a população abriu uma picada que liga a aldeia com a estrada principal que dá acesso à Sede do Distrito de Sanga, Macaloge. Quem está na aldeia, vê-se sitiado nas redondezas, de uma



cadeia de serras, que parecem uma vedação verde de árvores e capim. Quando a noite cai, são momentos sucessivos de excessiva frescura, que nos apelam ao agasalho.

Os aldeões de Chimbambala, têm na sua comunidade, um Posto de Saúde, uma Escola, uma

Loja do Povo e uma Sede da Célula do Partido, tudo em regime provisório. Alguns camponeses, já estão organizados e trabalham colectivamente na Cooperativa de Produção. Outros laboram individualmente nas suas machambas.

Uma mulher da Cooperativa, recordou-nos que o trabalho colectivo, era tradicional, pois foi iniciado na Serra N'gesse, durante a Guerra, quando era necessário carregar à cabeça, o armamento que nos libertou, quando era necessário construir abrigos que protegessem a população dos ataques ferozes da tropa colonial. Os cooperativistas, estão divididos em três grupos de trabalho. Um grupo dedica-se à produção colectiva e os restantes tomam parte respectivamente na construção das habitações daqueles que ainda não as têm e na lavoura das machambas individuais. De salientar que estes trabalhos são feitos duma forma rotativa, pelos três grupos.



A Aldeia Comunal de Chimbambala, construída no cimo da Serra N'gesse por camponeses que sofreram directamente a brutalidade do exército colonial

São homens e mulheres que se entregam com afinco aos trabalhos nas primeiras horas da manhã, quando as cidades ainda dormem, o campo

está coberto de suor e a lâmina da enxada quente, fende a terra e cria riqueza. Chimbambala, jovem aldeia cuja Cooperativa de Produção agrícola, teve a sua arrancada no ano passado, com todas as suas insuficiências de Organização e Planificação, contando nessa altura com trinta e sete membros pioneiros.

Como fruto destas insuficiências, deu-se o início tardio da época agrícola 77-78, Segundo revelou o Responsável Distrital da Agricultura em Sanga, foram produzidos nesse ano, dezoito hectares de girassol, doze de feijão e nove de milho. Deste último produto, dois hectares foram destruídos por macacos.

Da produção do ano passado, os camponeses de Chimbambala, adquiriram da sua venda, mais de treze mil escudos, quantitativo que foi posteriormente partilhado por cada pessoa que produziu, sem se ter em linha de conta a sua participação no trabalho. Isto deveu-se ao facto de não se ter organizado devidamente o sistema contabilístico da cooperativa e de não se ter feito a tempo, o registo da participação de cada membro da cooperativa, nos trabalhos da produção.

Este ano vai-se quebrar com todo este esquema de desorganização. Vai-se escolher uma pessoa em quem todos confiam e os camponeses estarão ao seu redor a controlar o nível da participação de cada um, as faltas — tudo será registado, para o ajuste final de contas.

No presente ano, acrescidos de oito «novos» camponeses, os membros da Unidade de Produção daquela Comunidade, iniciaram para a campanha 78-79, a sementeira de milho, girassol e feijão.

Um membro da Célula do Partido — que conta com mais de oitenta elementos — deunos a conhecer, que será construída este ano, a nova Sede da estrutura Política da Aldeia Comunal, bem como novas instalações do Posto de Saúde, Escola e Loja do Povo. O local já foi escolhido, o que falta é lançar as mãos à obra.

Em Chimbambala, homens e mulheres que não puderam passar pela Escola aprendem, também a ler, escrever e contar. A falta de material didáctico, nomeadamente cadernos, livros, quadro preto e esferográficas, são algumas das dificuldades que enfrentam os camponeses daquela aldeia comunal no tocante à Alfabetização e Educação de



«O trabalho colectivo foi iniciado durante a Luta Armada de Libertação Nacional quando era necessário carregar à cabeça o armamento que nos libertou»

Adultos. Existem neste domínio outros problemas, de pessoas idosas, cuja vista não lê sem dificuldade letras «magras» do ABC.

As crianças em idade Escolar, estudam numa Escola construída com recursos locais, isto é, pau-a-pique. Neste estabelecimento de ensino, estão matriculados para o presente ano Escolar, 121 alunos dos quais vinte e três são da pré, cinquenta e dois da primeira, vinte e seis da segunda, quinze da terceira e os restantes da quarta classe. Os alunos com a ajuda dos professores cultivaram este ano três hectares de milho e um de mandioqueiras. O resultado deste trabalho, será utilizado para a compra de enxadas que garantirão a continuidade das actividades produtivas naquele centro Escolar.

Na Loja do Povo de Chimbambala, vimos com admiração produtos que em Lichinga escasseiam. De referir o óleo. Havia quatro tambores de óleo naquela Loja. Em conversa com elementos da população, disseram-nos que o que faltava na sua loja, eram cortes para calças, peças de vestuário para mulheres, panos brancos e pretos, botões e outros artigos, nomeadamente fósforos.

O Secretário da estrutura do Partido, informou-nos que a principal tarefa naquela aldeia, no decurso do presente ano, é a mobilização e consciencialização dos seus habitantes para aderirem massivamente à produção organizada.

De Ricardo Dimande (Niassa)